

I

Ezio parou por um momento, atordoado e desorientado. Onde ele estava? Que lugar era aquele? Conforme lentamente recuperava os sentidos, viu seu tio Mario se separar do grupo de amigos Assassinos e se aproximar, tomando seu braço.

— Ezio, está tudo bem?

— Houve... houve uma luta... com o papa, com Rodrigo Bórgia. Eu o deixei morrendo.

Ezio tremia violentamente. Não conseguia se controlar. Teria sido real? Minutos antes — embora parecesse ter sido há uns cem anos — estivera envolvido em uma luta de vida e morte com o homem que mais odiava e temia, o líder dos Templários, a cruel organização empenhada em destruir o mundo que Ezio e os amigos da Irmandade dos Assassinos lutaram tão duramente para proteger.

Mas ele os tinha derrotado. Ezio tinha usado os grandes poderes da Maçã, um misterioso artefato, o sagrado Pedaco do Éden que lhe foi concedido pelos antigos deuses, para garantir que o investimento na humanidade não desaparecesse em meio ao derramamento de sangue e à iniquidade. E ele saiu vitorioso.

Ou não?

O que ele tinha dito? “Eu o deixei morrendo?” E, sem dúvida, Rodrigo Bórgia, o velho vilão que tinha conquistado o controle da Igreja e a governou como papa, parecia de fato estar morrendo. Ele tinha tomado veneno.

Mas agora uma dúvida repugnante tinha se apoderado de Ezio. Ao demonstrar misericórdia, que residia no cerne do Credo dos Assassinos, e deveria, como ele sabia, ser concedida a todos, exceto àqueles cujas vidas colocariam em risco o resto da humanidade, teria sido ele, de fato, *fraco*?

Se fora, jamais demonstraria a própria dúvida, nem mesmo ao tio Mario, líder da Irmandade. Ele endireitou os ombros. Tinha deixado o

velho morrendo por conta própria. Ezio o deixou com tempo suficiente para rezar. Não o tinha apunhalado no coração para se certificar de sua morte.

Um punho frio se fechou sobre o coração de Ezio enquanto uma voz clara disse em sua mente: *Você deveria tê-lo assassinado.*

Ezio se sacudiu para se livrar de seus demônios como um cachorro se livra da água depois de nadar. Mas seus pensamentos ainda se detinham na experiência mística que teve na estranha Câmara sob a Capela Sistina, no Vaticano. O prédio de onde ele tinha acabado de emergir, piscando sob a luz nada familiar do sol. Tudo ao seu redor parecia estranhamente calmo e normal. Os prédios do Vaticano estavam onde sempre estiveram, resplandecendo sob a luz brilhante. A memória de tudo que acabara de acontecer na Câmara voltou, e grandes ondas de recordações sobrecarregaram sua consciência. Tinha ocorrido uma visão, um encontro com uma estranha deusa — pois não havia outra forma de descrever a criatura —, que ele agora sabia se tratar de Minerva, a deusa romana da Sabedoria. Ela lhe mostrou tanto o passado distante quanto o futuro longínquo de tal modo que Ezio agora odiava a responsabilidade que o conhecimento recém-adquirido colocava em seus ombros.

E com quem ele poderia compartilhar esse conhecimento? Como poderia explicar *qualquer* parte daquilo? Tudo parecia tão irreal.

Só o que Ezio sabia com segurança após a experiência — ou melhor, provação — era que a luta ainda não tinha acabado. Talvez um dia houvesse o momento em que ele poderia voltar a Florença, sua cidade natal, e sossegar com seus livros, beber com os amigos no inverno e caçar com eles no outono, perseguir meninas na primavera e supervisionar as colheitas em suas propriedades no verão.

Mas esse dia não seria hoje.

No fundo do coração, Ezio sabia que os Templários e todo o mal que eles representavam ainda não estavam derrotados. Ao enfrentá-los, Ezio combatia um monstro com mais cabeças que a Hidra e, como aquela besta, que fora morta por ninguém menos que Hércules, podia ser tudo, menos imortal.

— Ezio!

A voz de seu tio soou severa, mas serviu para acordá-lo do devaneio que o dominara. Ele tinha de se recuperar e pensar com clareza.

Havia um incêndio furioso na cabeça de Ezio. Ele disse o próprio nome, para se assegurar de si mesmo. Eu sou Ezio Auditore, de Florença. Forte, um mestre das tradições dos Assassinos.

Ezio repassou os eventos: ele não sabia se tinha sonhado ou não. Os ensinamentos e as revelações da estranha deusa na Câmara tinham estremecido profundamente suas crenças e suposições. Era como se o próprio tempo tivesse sido posto de cabeça para baixo. Ao emergir da Capela Sistina, onde tinha deixado o maligno papa Alexandre VI *aparentemente* moribundo, Ezio semicerrou os olhos novamente diante da luz forte. Seus amigos Assassinos estavam ali reunidos, com os rostos sérios e marcados por uma feroz determinação.

O pensamento ainda o perseguia: *ele deveria ter matado Rodrigo — ter se assegurado de seu fim?* Ezio decidira não fazê-lo, e o homem parecia realmente determinado em tirar a própria vida, após fracassar na meta final.

Mas aquela voz cristalina ainda soava na mente de Ezio.

E mais: uma força surpreendente parecia atraí-lo de volta à capela — ele sentiu que havia alguma coisa incompleta.

Não Rodrigo. Não *apenas* Rodrigo. Embora Ezio fosse acabar com ele agora! Alguma *outra* coisa!

— O que houve? — indagou Mario.

— Preciso voltar — disse Ezio, percebendo novamente, com o estômago embrulhado, que o jogo *não* tinha acabado, e que a Maçã ainda não poderia deixar as suas mãos.

Assim que o pensamento o atingiu, Ezio foi tomado por um decisivo senso de urgência. Soltando-se dos braços protetores do tio, ele se apressou em voltar à escuridão. Mario, ordenando aos outros que ficassem onde estavam e se mantivessem alertas, seguiu o sobrinho.

Ezio alcançou rapidamente o lugar onde tinha deixado o agonizante Rodrigo Bórgia, mas o homem não estava lá! Um manto papal ricamente decorado jazia em uma pilha no chão, manchado de sangue, mas seu dono tinha sumido. Novamente aquela mão, agora vestindo

uma luva gélida de aço, se fechou sobre o coração de Ezio, parecendo esmagá-lo.

A passagem secreta para a Câmara estava, para todos os fins, fechada e quase invisível, mas quando Ezio se aproximou do ponto onde ele achava que ficava, ela se abriu suavemente com seu toque. Ele se virou para o tio e ficou surpreso ao ver o medo no rosto de Mario.

— O que há lá dentro? — perguntou o velho homem, esforçando-se para manter a voz firme.

— O Mistério — respondeu Ezio.

Deixando Mario na entrada da porta, ele seguiu pela passagem mal iluminada, esperando que não fosse tarde demais, e que Minerva tivesse previsto aquilo e o perdoasse. Com certeza Rodrigo não teria permissão para entrar ali. Mesmo assim, Ezio manteve preparada a lâmina oculta, que lhe fora legada pelo pai.

Dentro da Câmara, a grande figura *humana*, ainda que ao mesmo tempo de feições *sobre-humanas* — eram mesmo de uma estátua? —, segurava a cruz papal, também conhecida como Cajado.

Um dos Pedacos do Éden.

O Cajado estava aparentemente soldado à figura que o segurava, e, quando Ezio tentou soltá-lo, ela pareceu segurar com mais força e brilhar, assim como aconteceu com as inscrições rúnicas nas paredes da Câmara.

Ezio lembrara que, sem proteção, nenhuma mão humana deveria tocar a Maçã. As figuras então se viraram e afundaram no chão, deixando a Câmara completamente vazia, exceto pelo grande sarcófago e pelas estátuas que o cercavam.

Ezio deu um passo para trás, olhando rapidamente ao redor e hesitando antes de deixar aquele lugar. Ele sabia instintivamente que jamais voltaria ali. O que ele esperava? Que Minerva fosse se manifestar para ele novamente? Mas ela não lhe dissera tudo que havia para dizer? Ou pelo menos tudo que seria seguro que ele soubesse? A Maçã lhe tinha sido confiada. Combinados à Maçã, os outros Pedacos do Éden teriam concedido a Rodrigo a supremacia que ele buscava, e Ezio compreendia, na plenitude de seus anos, que tamanho poder reunido seria perigoso demais nas mãos dos homens.

— Está tudo bem? — A voz de Mario, ainda extraordinariamente nervosa, flutuou até Ezio.

— Tudo bem — respondeu Ezio, voltando à luz com uma curiosa relutância.

Uma vez junto ao tio, Ezio lhe mostrou silenciosamente a Maçã.

— E o Cajado?

Ezio balançou a cabeça.

— Melhor que fique nos braços da Terra do que nas mãos dos homens — concluiu Mario, entendendo imediatamente. — Mas eu não preciso lhe dizer isso. Vamos lá! Não podemos nos demorar.

— Por que a pressa?

— Por tudo! Você acha que Rodrigo vai deixar que a gente simplesmente vá embora sem maiores problemas?

— Eu o deixei morrendo.

— Não é a mesma coisa que deixá-lo completamente morto, é? Vamos!

Então eles saíram da Câmara o mais rápido que puderam, e um vento frio pareceu segui-los.